



FÁBULAS

De Monteiro Lobato

Editora Solstice

2018





Créditos

© Editora Solstice, 2018

© Fábulas - Monteiro Lobato, 2018

Projeto Gráfico: Matheus Monteiro

Edição Gráfica: Matheus Monteiro e Daniele Jorge

Edição Texto: Giovanna Antonelli e Alyson Ceccato

Capa: Matheus Monteiro

Ilustrações: Jessé Porto e Yago Cortez

Mídia Digital: Matheus Monteiro

Revisão: Giovanna Antonelli e Daniele Jorge

A edição deste livro teve como base a publicação das obras de Monteiro Lobato da Editora Globo de 2007

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Prefixo Editorial: 000000


ISBN: 000.00.000000-0-0

Fábulas- Lobato, Monteiro



Apresentação


Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. “O Sítio do Pica-pau Amarelo” é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a “Editora Monteiro Lobato” e mais tarde a “Companhia Editora Nacional”. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.






SUMÁRIO

O egoísmo da onça	6
A menina do leite	8
A cigarra e a formiga	10
A cabra, o cabrito e ao lobo	14
O homem e a cobra	16
As razões do porco	18
Os dois viajantes na macacolândia	20
A galinha dos ovos de ouro	24



O burro juiz	26
A fome não tem ouvidos	29
O veado e a moita	32
A pele do urso	36
O gato vaidoso	38
A raposa sem rabo	49
A coruja e a águia	42
Burrice	46
Os carneiros jurados	49



O egoísmo da onça

Ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, a onça encontrou sua toca vazia. Desesperada, esgoelou-se em urros de encher de espanto a floresta. Uma anta veio indagar do que havia.

– Mataram-me as filhas!

Gemeu a onça.

– Infames caçadores cometeram o maior dos crimes: mataram-me as filhas...

– Não vejo motivo para tamanho barulho... Fizeram-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos dos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

– Ó grosseira criatura! Queres então comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dor à dor dos outros?

Um macaco, que do alto do seu galho assistia à cena, meteu o bedelho na conversa.

– Amiga onça, é sempre assim: Pimenta na

boca dos outros não arde...

Na voz de “pimenta”, Tia Nastácia veio lá da cozinha, com colher de pau na mão.

– Pimenta, Sinhá? É o que está me fazendo falta hoje. Acabou-se aquele vidro de boca larga e não sei como me arranjo com o vatapá de amanhã.

Todos caçoaram da pobre preta.



A Menina do leite

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, chinelos de bezerro, treque,treque, treque, lá ia para o mercado com uma lata de leite à cabeça - o primeiro leite da sua vaquinha mocha. Ia contente, rindo-se e falando sozinha.

- Vendo o leite - dizia, e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintinhos. Morrem... dois, que sejam, e crescem dez - cinco frangas e cinco frangos. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem e viram ótimas botadeiras de duzentos ovos por ano cada uma. Cinco: mil ovos! Choco tudo e lá me

vêm quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos. A dois cruzeiros cada um - duas vezes cinco, dez... - mil cruzeiros... Posso então comprar doze porcas de cria e mais uma cabrita. As porcas dão-me, cada uma, seis leitões. Seis vezes doze...

Estava a menina neste ponto quando tropeçou, perdeu o equilíbrio e, com a lata e tudo, caiu um grande tombo no chão.

Pobre Laurinha!

Ergueu-se chorosa, com um ardor de esfoladura no joelho; e enquanto espanejava as roupas sujas de pó viu sumir-se, embebido pela terra seca, o primeiro leite da sua vaquinha mocha e com ele os doze ovos,

as cinco botadeiras, os quinhentos galos, as doze porcas de cria e a cabritinha - todos os belos sonhos da sua ardente imaginação...





A cigarra e a formiga

A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de u formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastas, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tic, tic, tic...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de agasalho.

O mau tempo não cessa e eu...
A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

– Eu cantava, bem sabe...

– Ah!... – exclamou a formiga

recordando-se. – Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e alivia o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A formiga má

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estimo inteiro, e o inverno veio encontra-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com jurozinhos altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usuária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

– Que fazia você durante o bom tempo?
– Eu... eu cantava!
– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usuária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.

– Esta fábula está errada! – gritou Narizinho. –

Vovó nos leu aquele livro do Maeterlink sobre a vida das formigas – e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.

– E tanto é assim – disse ela – que nas fábulas os animais falam e na realidade não falam

– Isso não! – protestou Emília. – Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga que não fale. Nós e que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

– Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

– Agora, sim! – disse Emília muito ganjenta com o triunfo. – Conte outra.



A cabra, o cabrito e o lobo



Antes de sair a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

– Cuidado, meu filho. O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta a ninguém antes de pedir a senha.

– E qual é a senha, mamãe?

– A senha é: “Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita”.

Decorou o cabrito aquelas palavras e a cabra lá se foi, sossegada da vida.

Mas o lobo, que rondava por ali ouvira a conversa, aproximou-se e bateu. E

disfarçando a voz repetiu a senha.

O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho desconfiou. Então pediu:

– Mostre-me a pata branca, faça o favor... Pata branca era coisa que lobo não tinha e portanto não podia mostrar. E, assim, de focinho comprido, desapontadíssimo, o lobo não teve remédio senão ir-se embora como veio

- isto é, de papo vazio.

Desse modo, salvou-se o cabrito porque teve o bom senso de confiar desconfiando.

– Esse cabritinho – disse Emília – é como

eu e o marechal Floriano Peixoto. Nós três confiamos desconfiando. Lobo nenhum nos embaça. Esse cabritinho aprendeu comigo.

– Como aprender com você, Emília, se você nunca o encontrou?

– É que ele adivinhou que eu penso assim... Tia Nastácia, lá na copa, murmurou “Ché!...”.

O homem e a cobra

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.

— Coitadinha! Se fica por aqui ao relento, morre gelada.

Tomou-a nas mãos, conchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.

— Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço à noite. Dar-te-ei então um ratinho para ceia. — E saiu.

De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.

— Coitadinha! Vai agradecer-me tanto... Agradecer, nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de linguinha de fora e bote armado, em atitude tão ameaçadora que o homem enfurecido exclamou:

— Ah, é assim? É assim que pagas o benefício que te fiz? Pois espera, minha

ingrata, que já te curo...
E deu cabo dela com uma paulada.
Fazei o bem, mas olhai a quem.

— A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular, que diz: “Fazei o bem e não olheis a quem”.

— Sim, minha filha. Esse fazer o bem sem olhar a quem é lindo — mas nunca dá muito certo. Aquele grande filósofo-educador da China...

— Confúcio, já sei!... — gritou Pedrinho. Ele mesmo — confirmou Dona Benta. — Pois Confúcio, que foi o maior filósofo prático da humanidade, disse uma coisa muito certa:

“Tratai os bons com bondade e os maus com justiça”.

Emília bateu palmas.

— Pois então Confúcio concorda comigo. Meu ditado é “Para os maus, pau!”. Justiça é pau.



As razões do porco

Lá ia para o mercado a carroça de um sitiante. Dentro, três animais: uma cabra, um carneiro e um leitão. Cabra e carneiro seguiam em silêncio, muito sossegados da vida. Já o porquinho, não. Inquieto, a suspirar, volta e meia espiava pelas frestas, cheio

de apreensão. E quando avistou o mercado não se conteve: abriu a boca e berrou como se estivessem a sangrá-lo no coração.

– Para que isso? – disse a cabra. – Também eu vou para a feira e no entanto a ninguém incomodo com esse berreiro descompassado.

– Também assim penso. Vamos ser vendidos, quer dizer, vamos mudar de dono. É tolice lamuriar dessa maneira por coisa tão sem importância.

O porquinho berrou ainda mais, e por fim explicou:

– É verdade, vamos ser vendidos os três. Mas tu, cabra, teu destino é dar leite; e tu carneiro, tua função é produzir lã. Compreendo que seja indiferente para ambos que dê leite ou lã a este ou aquele. Mas eu – eu só presto para ser comido, e ir para o mercado não me é apenas mudar de dono, mas mudar de mundo. Vou para o açougue – coin, coin! Como então quereis que me conforme com a sorte e vá nesse sossego de cabra e nessa indiferença de carneiro?

E continuou a botar a boca no mundo.

– Quem o manda ser carne? – comentou Emília. – Cabra é leite. Carneiro é lã. – Cabra e carneiro também são carne – disse Narizinho.

– Em segundo lugar! Em primeiro lugar são leite e lã; só depois é que são carne. Mas o pobre porco é só carne, carne e mais carne. É lombo, é linguiça, é presunto, é chouriço, é entrecosto, é tripa. O porco é carníssimo. Quando sai do chiqueiro, já sabe que não pe para dar leite, como a cabra, nem dar lã, como o carneiro. E por isso berra e faz muito bem. Eu berrava o dobro...



Os dois viajantes na macacolândia

Dois viajantes, transviados no sertão, depois de muito andar alcançam o reino dos macacos.

Ai deles! Guardas surgem na fronteira, guardas ferozes que os prendem, que os amarram e os levam à presença de S. Majestade Simão III.

El-rei examina-os detidamente, com macacal curiosidade, e em seguida os interroga:

— Que tal acham isto por aqui?
Um dos viajantes, diplomata de profissão, responde sem vacilar:

— Acho que este reino é a oitava maravilha do mundo. Sou viajadíssimo, já andei por Seca e Meca, mas, palavra de honra! nunca vi gente mais formosa, corte mais brilhante, nem rei de mais nobre porte do que Vossa Majestade.

Simão lambeu-se todo de contentamento e disse para os guardas:

— Soltem-no e dêem-lhe um palácio para morar e a mais gentil donzela para esposa. E lavrem incontinenti o decreto de sua nomeação para cavaleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro.

Assim se fez e, enquanto o faziam, El-rei Simão, risonho ainda, dirigiu a palavra ao



segundo viajante:

— E você? Que acha do meu reino?
Este segundo viajante era um homem neurastênico, azedo, amigo da verdade a todo o transe.



Tão amigo da verdade que replicou sem demora:

— O que acho? É boa! Acho o que é!...

— E que é que é? — interpelou Simão, fechando o sobrecenho.

— Não é nada. Uma macacalha... Macaco praqui, macaco prali, macaco no trono, macaco no pau...

— Pau nele — berra furioso o rei, gesticulando como um possesso. Pau de rachar nesse miserável caluniador...

E o viajante neurastênico, arrastado dali por cem munhecas, entrou numa roda de lenha

que o deixou moído por uma semana.

Moral: Quem for amigo da verdade, use



A Galinha dos ovos de ouro

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mas um por semana apenas. Louco de alegria, disse à mulher:

— Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovário. Mato-a e fico o mandão aqui das redondezas.

— Por que matá-la, se conservando-a você obtém um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana, quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

E matou a galinha.

Dentro dela` só havia tripas, como nas

galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintém.

Quem não sabe esperar, pobre há de acabar.



Faça nosso Quiz

Quem é você no mundo das fábulas



<http://bit.ly/2S6lf2z>

O burro Juiz

A gralha começou a disputar com o sabiá, afirmando que a sua voz valia mais que a dele. Como as outras aves se rissem daquela pretensão, a bulhenta matraca de penas, furiosa, disse:

— Nada de brincadeiras! Isto é uma questão muito séria, que deve ser decidida por um juiz. O sabiá canta, eu canto, e uma sentença decidirá quem é o melhor cantor. Topam?

— Topamos! — piaram as aves. — Mas quem servirá de juiz?

Estavam a debater este ponto, quando zurrou um burro.

— Nem de encomenda! — exclamou a gralha. — Está lá um juiz de primeiríssima ordem para julgamento de música, porque nenhum animal possui orelhas daquele tamanho. Convidemo-lo para julgar a causa.

O burro aceitou o juizado e veio postar-se no

centro da roda.

— Vamos lá, comecem! — ordenou ele. O sabiá deu um pulinho, abriu o bico e cantou. Cantou como só cantam sabiás, repinicando os trinos mais melodiosos e límpidos.

— Agora eu! — disse a gralha, dando um passo à frente. E abrindo a bicanca matraqueou um berreiro de romper os tímpanos aos próprios surdos.

Terminada a prova, o juiz abanou as orelhas e deu a sentença:


— Dou ganho de causa a Dona Gralha, que canta muito melhor que Mestre Sabiá.



Quem burro nasce, togado ou não, burro morre.

— Estou compreendendo — disse Narizinho.

— A gralha escolheu para juiz o burro justamente porque um burro não entende nada de música — apesar das orelhas que



Quem burro nasce, togado ou não, burro morre.

— Estou compreendendo — disse Narizinho.

— A gralha escolheu para juiz o burro justamente porque um burro não entende nada de música — apesar das orelhas que tem. Essa gralha era espertíssima...

— Pois se escolhesse o nosso Burro Falante — disse Emília — quem levava na cabeça era ela. Impossível que o Conselheiro não desse sentença a favor do sabiá! Já notei isso. Sempre que um passarinho canta num galho, ele espicha as orelhas e fica a ouvir, com um sorriso nos lábios...

Dona Benta riu-se e deixou passar a fábula sem nenhum comentário.

A fome não tem ouvidos

Caíra um triste sabiá nas unhas de esfaimadíssimo bichano. E gemendo de dor implorava:

– Felino de bote pronto e afiadas unhas, poupa-me! Repara que, se me devoras, cometes um crime de lesa-arte, pois darás cabo da garganta maravilhosa de onde brotam as mais lindas canções da selva.

Queres ouvir uma delas?
– Tenho fome! – respondeu o gato.

– Queres ouvir uma canção que já enlevou as próprias pedras, que são surdas, e fez exclamar à bruta onça: “Este sabiá é a obra-prima da natureza!”.

– Tenho fome! – repetiu o gato.

– Tens fome, bem vejo, mas isso não é razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos criam o êxtase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorjeio em lá menor da minha ultima sinfonia?

– Tenho fome! – insistiu o gato. – Sei que

tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satisfazê-la eu devoraria a própria música, se ela me aparecesse encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o.

– Acho muito “literária” esta fábula, vovó! – disse Narizinho. – Não há sabiá que fale em “felino de bote pronto”, nem em “crime de lesa-arte”, coisas que nem sei o que são.

Ponha isso em literatura sem aspas.

Dona Benta explicou que “felino” é um adjetivo relacionado a gatos, onças, tigres, panteras, e todos os “felídeos”.



– E o que é felídeo?

– É a família dos mamíferos carnívoros que os sabiás chamam felis. Há o felis catus, que é o gato. Há o felis pardus, que é o leopardo.

Há o felis onça, que é a onça.. São os felinos.

– E crime lesa-arte?

– É um crime que lesa ou prejudica a arte. Lesar significa “prejudicar”.

– E por que a senhora botou essas “literaturas” na fábula?

– Para que vocês me interpelem e eu explicasse, e todos ficassem sabendo mais umas coisinhas...

– E a fome não tem ouvidos mesmo?

– Não tem, minha filha. Quando a fome

aperta, o animal faminto come o que encontra. Há casos até de pais que têm comido os filhos, por ocasião das grandes fomes da humanidade...

O Veado e a moita

Perseguido pelos caçadores, um pobre veado escondeu-se bem quietinho dentro de cerrada moita. O abrigo era seguro, e tanto que por ele passaram os cães sem perceberem coisa nenhuma.

Salvou-se o veado; mas, ingrato e imprudente, logo que ouviu latir ao longe o perigo, esqueceu o benefício e pastou a benfeitora --- comeu toda a folhagem que tão bem o escondera.

Fez e pagou.

Dias depois voltaram novamente os caçadores. O veado correu em procura da moita – mas a pobre moita, sem folhas, reduzida a varas, não pôde mais escondê-lo, e o triste animalzinho acabou estraçalhado pelos dentes dos cães impiedosos.

– Bravos, vovó! – aplaudiu Narizinho. – A senhora botou nesta fábula duas belezas bem lindinhas.

– Quais, minha filha?

– Aquele “ouviu latir ao longe o perigo”, em vez de “ouviu latir ao longe os cães”; e aquele “pastou a benfeitora”, em vez de “pastou a moita”. Se Tia Nastácia estivesse aqui, dava à senhora uma cocada.

Dona Benta riu-se.

– Pois essas “belezinhas” são uma figura de retórica que os gramáticos xingam de sinédoque...

– Eu sei o que é isso – berrou Emília – É “sem” com um pedaço de bodoque.

Ninguém entendeu. Emília explicou:

– “Sine” quer dizer “sem”. Quando o Visconde quer dizer “sem dia marcado”, ele diz sine die. É latim. E “doque” é um pedaço de bodoque...

– Parece que é assim, mas não é, Emília

– explicou Dona Benta. – Sinédoque é a synecdoche dos gregos, e quer dizer “compreensão”.

— E que tem a compreensão com as duas belezinhas? – quis saber menina.

– Tem que, falando em “perigo” em vez de “cães”, e em “benfeitora” em vez de “moita”, toda a gente compreende a troca das palavras – e fica a tal belezinha que você



achou. A sinédoque troca a parte pelo todo, como quando dizemos “velas” em vez de “navios”; ou troca o gênero pela espécie, como quando dizemos “os mortais” em vez de “os homens”; ou troca uma coisa pela qualidade da coisa, como quando dizemos “perigo” em vez de “cães” e “benfeitora” em vez de “moita”.

– E para que serve isso? – perguntou Narizinho.

– Para enfeitar o estilo.

– Mas a senhora mesma não disse que o estilo muito enfeitado, muito floreado, é feio?

– Sim. Quando é muito enfeitado fica feio e

de mau gosto, mas se aparece discretamente enfeitado fica bem bonitinho. Se você vai à vila com uma flor no peito, fica linda como uma sinédoque. Mas se se enfeitar demais, fica apalhadada e revela mau gosto. Tudo na vida depende da justa medida; nem mais, nem menos; antes menos do que mais.

– Então é o tal usar e não abusar – lembrou a menina.

– Isso mesmo. Discrição é isso.

Narizinho, que era uma menina muito discreta, compreendeu perfeitamente.

A Pele do urso

Dois caçadores precisados de dinheiro tiveram a ideia de vender a pele de um urso que morava na floresta próxima. Feito o negócio e recebida a importância, tomaram das espingardas e saíram em procura da fera.

Encontraram-lhe sem demora o rasto e seguiram-no cautelosos. Súbito, um deles, batendo na testa, exclamou:

— Que caçadores das dúzias somos nós! Pois não é que deixamos em casa os cartuchos? Era verdade aquilo, e, mal os caçadores deram pela coisa, o mato estaleja e o urso aparece.

Rápido como um relâmpago, um deles consegue trepar por uma árvore acima. Já o outro, mais lerdo, o remédio que teve foi deitar-se no chão e fingir-se de morto. O urso chegou, bamboleando o corpo. Dá com o “cadáver”, faraja-o nos olhos, no nariz, nos ouvidos e exclama:

— Carniça! Isto é coisa que só aos urubus pode interessar. - E retirou-se, bamboleante.

Assim que o urso desapareceu ao longe, os caçadores, até então imóveis, respiraram e criaram alma nova. E, muito satisfeitos de se verem livres das unhas da “pele” vendida, foram correndo para casa. Lá chegados, riram-se da aventura; e o que trepara à árvore perguntou ao que se fingira de morto:

— Que é que te disse o urso ao ouvido, compadre?

— Disse-me que não se deve contar com o ovo antes de a galinha o botar!...



O gato vaidoso

Moravam na mesma casa dois gatos iguaizinhos no pelo, mas desiguais na sorte. Um, amimado pela dona, dormia em almofadões. Outro, no borralho. Um passava a leite e comia em colo. O outro, por feliz, se dava com as espinhas de peixe do lixo. Certa vez, cruzaram-se no telhado e o

bichano de luxo arrepiou-se todo, dizendo:

– Passa ao largo, vagabundo! Não vês que és pobre e eu sou rico? Que és gato de cozinha e eu sou gato de salão? Respeita-me, pois, e passa ao largo...

– Alto lá, senhor orgulhoso! Lembra-te de que somos irmãos, criados no mesmo ninho.

– Sou nobre. Sou mais que tu!

– Em quê? Não mias como eu?

– Mio.

– Não tens rabo como eu?

– Tenho.

– Não caças ratos como eu?

– Caço.

– Não comes rato como eu?

– Como.

– Logo, não passas dum simples gato igual a mim. Abaixa, pois a crista desse orgulho e lembra-te que mais nobreza do que eu não tens – o que tens é apenas um bocado mais de sorte...

– Acho que todos os homens importantes são assim – disse Pedrinho. – O que eles têm é sorte. Os tais nobres! “Passo”. Os tais

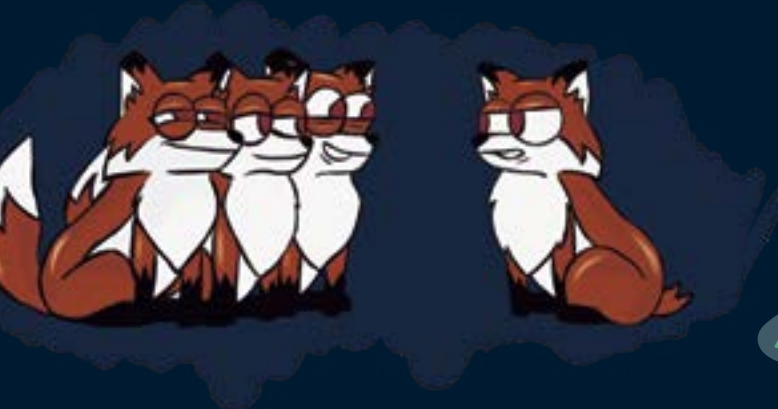


duques, os tais reis, os tais príncipes.

– Mas há uma nobreza – disse Dona Benta – que não depende da sorte e sim do esforço. Essa é respeitável. Madame Curie ficou importante por ter descoberto o rádio. Foi sorte? Não. Levou anos estudando, fazendo experiências, e tanto lidou que descobriu a maravilhosa substância. Criaturas assim podem orgulhar-se de ser mais que os outros. Mas há umas tais pulguinhas humanas que só por terem caído em graça se julgam engraçadíssimas...

Emília botou-lhe a língua. “Ahn!”

A raposa sem rabo



Certa raposa caiu numa armadilha. Debateu-se, gemeu, chorou e finalmente conseguiu fugir, embora deixando na ratoeira sua linda cauda. Pobre raposa! Andava agora triste, sorumbática, sem coragem

Mas de tanto pensar no seu caso teve a ideia de convocar o povo raposeiro para uma grande reunião.

— Assunto gravíssimo! — explicou ela. — Assunto que interessa todos os animais. Reuniram-se as raposas e a derrabada, tomando a palavra disse:

— Amigas, respondam-me por obséquio: que serventia tem para nós a cauda? Bonita não é, útil não é, honrosa não é... Por que então continuarmos a trazer este grotesco apêndice às costas? Fora com ele! Derrabemo-nos todas e fiquemos graciosas como as preás. As ouvintes estranharam aquelas ideias e, matreiras como são, suspeitaram qualquer coisa.

Ergueram-se do seu lugar e, dirigindo-se à oradora, pediram:

— Muito bem. Mas cortaremos primeiro a sua. Vire-se para cá, faça o favor... A pobre raposa, desapontada, teve de obedecer à intimação. Voltou de costas.

Foi uma gargalhada geral.

— Está explicado o empenho dela em nos fazer mais bonitas. Fora! Fora com a derrabada!...

E correram-na dali.

—Se uma pessoa que tem um defeito conseguisse que o mundo inteiro também tivesse o mesmo defeito, que acontecia, Pedrinho?

— Acontecia que quem não tivesse o tal defeito é que era o defeituoso.

— Exatamente. Há certos lugares aí pelo sertão em que todos os moradores ficam

com uns enormes papos. Um dia um viajante entrou na casa duma família de papudos e viu na parede o retrato de um moço sem papo.

“Quem é ele?” , perguntou. E a dona da casa respondeu: “Ah, esse é meu filho Totonho, no tempo em que era defeituoso”. “E agora não é mais?”, perguntou o viajante. “Felizmente sarou”, respondeu a papuda. “Está já com o pescoço bem cheio, como o meu”, e alisou com a mão aquela papeira lustrosa...

A coruja e a águia

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. – O mundo é grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes. – Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontraremos uns borrachos lindos, bem-feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote e nenhuma outra ave, já sabes, são meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando á caça a águia encontrou um ninho com três mostrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. – Vê-se logo

que não são filhos da coruja. E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressas à toca, a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada.



– Eram teus filhs aqueles mostrenginhos?
Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.

– Para a mim, vovó – comentou Narizinho –, esta é a rainha das fábulas. Nada mais verdadeiro. Para os pais os filhos são sempre uma beleza, nem que sejam feios como os filhos da coruja.

- E esta fabula se aplica a muita coisa, minha filha. Aplica-se a tudo o que é produto nosso. Os escritores acham ótimas todas as coisas

que escrevem, por piores que sejam. Quando um pintor pinta um quadro, para ele o quadro é sempre bonitinho. Tudo quanto nós fazemos é “filho de coruja”.

– Mostrengo ou monstrengo, vovó? – quis saber Perinho. – Vejo essa palavra escrita de dois jeitos.

– Os gramáticos querem que seja mostrengo – coisa de mostrar: mas o povo acha melhor monstrengo – coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramáticos insistam na forma “mostrengo”, povo diz “monstrengo”.

– E quem vai ganhar essa corrida, vovó?

– Está claro que o povo, meu filho. Os gramáticos acabarão se cansando de insistir no “mostrengo” e se resignarão ao “monstrengo”.

– Pois eu vou adotar o “monstrengo” – resolveu Pedrinho. – Acho mais expressivo.

Burrice

Caminhavam dois burros, um com carga de açúcar, outro com carga de esponjas.

Dizia o primeiro:

— Caminhemos com cuidado, porque a estrada é perigosa.

O outro redarguiu:

— Onde está o perigo? Basta andarmos pelo rastro dos que hoje passaram por aqui.

— Nem sempre é assim. Onde passa um, pode não passar outro.

— Que burrice! Eu sei viver, gabo-me disso, e minha ciência toda se resume em só imitar o que os outros fazem.

— Nem sempre é assim, nem sempre é assim... continuou a filosofar o primeiro.

Nisto alcançaram o rio, cuja ponte caíra na véspera.

— E agora?

— Agora é passar a vau.

O burro do açúcar meteu-se na correnteza e, como a carga se ia dissolvendo ao contato da água, conseguiu sem dificuldade pôr pé na margem oposta.

O burro da esponja, fiel às suas ideias, pensou consigo: “Se ele passou, passarei também”, e lançou-se ao rio. Mas sua carga, em vez de esvair-se como a do primeiro, cresceu de peso a tal ponto que o pobre tolo foi ao fundo.



— Bem dizia eu! Não basta querer imitar, é preciso poder imitar — comentou o outro.

— Que é passar a vau? — perguntou Pedrinho.

— É uma expressão antiga e muito boa. Quer dizer “vadear um rio”, passar por dentro da água no lugar mais raso.

— E por que a senhora disse “redargui”? Não é pedantismo? — quis saber a menina.

— É e não é — respondeu Dona Benta. — Redargui é dar uma resposta que é também pergunta. Bonito, não?

— Por que é e não é? Como uma coisa pode

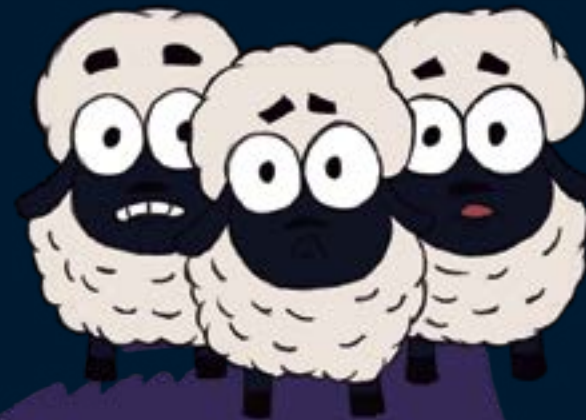
ao mesmo tempo ser e não ser?

— É pedantismo para os que gostam da linguagem mais simplificada possível. E não é pedantismo para os que gostam de falar com grande propriedade de expressão.

— E que é propriedade de expressão? — quis saber Narizinho.

— Propriedade de expressão — explicou Dona Benta — é a mais bela qualidade de um estilo. É dizer as coisas com maior exatidão. Ainda há pouco Emília falou “ferrinho do trinco da porta”. Temos aqui uma “impropriedade de expressão”. Se ela dissesse “lingueta do trinco” estaria falando com mais propriedade.

Os carneiros jurados



Certo pastor, revoltado com as depredações do lobo, reuniu a carneirada e disse:

— Amigos! É chegando o momento de reagir. Sois uma legião e o lobo é um só. Se vos reunirdes e resistirdes de pé firme, quem perderá a partida será ele, e nós nos veremos para sempre libertos da sua cruel voracidade.

Os carneiros aplaudiram-no com entusiasmo e, erguendo a pata dianteira, juraram resistir.

— Muito bem! – exclamou o pastor.

— Resta agora combinarmos o meio prático de resistir. Proponho o seguinte: quando a fera aparecer, ninguém foge; ao contrário: firma-se todos nos pés, retesam os músculos, armam a cabeça, investem contra ela, encurralam-na, imprensam-na; esmagam-na!...

Uma salva de bés selou o pacto e o dia inteiro não se falou senão na tremenda réplica que dariam ao lobo.

Ao anoitecer, porém, quando a carneirada se recolhia ao curral, um berro ecoou de súbito:

— O lobo!...

Não foi preciso mais: sobreveio o pânico e os

heróis jurados fugiram pelos campos afora, tontos de pavor.

Fora rebate falso. Não era lobo; era apenas sombra de lobo!...

Ao carneiro só peças lã.

FÁBULAS

De Monteiro Lobato